

Dádiva

Carmen Belmont

Acordara um tanto atordoada: ouvia o marulhar das ondas e o grito dos pássaros saudando o dia. As roupas amarfanhadas e cobertas de areia fina: como viera parar ali? Um encabulamento súbito a tomou; ela, que não era de extravagâncias desse jaez, sentia-se deslocada, assim estirada sem a menor cerimônia sobre a praia deserta, enquanto o sol iniciava seu espetáculo dourando o céu para os maçaricos alegres alheios à sua presença. Naquela altura, pareceu-lhe inútil se apressar ou procurar explicar qualquer coisa; sentou-se, então, vivamente interessada em apreciar a paisagem ao redor. Viu pescadores ao longe, próximos às pedras que formavam a curva direita do litoral. Pontos escuros e céleres passavam e sumiam na água de um azul desmaiado, cujos reflexos prateados bailavam em mil pontos de luz sobre a piscina natural que o traço da orla criara. Pequenos caranguejos respiravam em buracos que apareciam aqui e ali no rastro das ondas retiradas, formando uma linha que pespontava a borda de espuma até se perder de vista. Uma gaivota pousara adiante e esperava quieta: tudo estava bem no seu reino de plumas e solidão.

Seu reino...ela se lembrou que havia um que lhe pertencia. Com menos plumas e mais solidão e também ornamentos vários, laços, brocados, rendas e penteados, gestos medidos como convém a uma dama de respeito, dedos ágeis sobre o piano produzindo melodias insondáveis, meninos comportados e bem vestidos – eram dois, vindos após os outros dois que ela perdera no caminho. Tempos difíceis, o marido exasperado por um herdeiro e ela apenas desejando um rebento que vingasse com a graça dos céus; mas como podia ser se ele insistira em colocar no filho o mesmo nome do primeiro anjinho que se fora? Não deu outra, o segundo acabara igualmente partindo e só então, finalmente, o esposo acatou os seus rogos e – vejam só – com as bênçãos do Altíssimo agora ela tinha não um, mas dois belos varões que cresciam para o futuro enquanto ela tomava conta de tudo, suas ordens sempre obedecidas sem contestação pela profusão de criados que atravessavam silenciosamente as salas atapetadas em meio ao mobiliário fino, prataria brilhando, vitrais translúcidos, quadros exuberantes e bucólicos, candelabros reluzentes e – claro – aqueles jardins que ela amava. Sim, os jardins de seu palácio renascentista que foram feitos especialmente para ela. Ali era onde ela verdadeiramente gostava de reinar, a solidão sem nome e sem plumas, o talhe de mulher banhado intermitentemente pelo brilho tênue das lanternas à medida que ela andava, a lua refletida nas águas do lago em que deslizavam aves brancas, encantadas como ela própria pela noite tropical, o cheiro das árvores se misturando ao do mar que brincava no embarcadouro vizinho.

Sacudiu a cabeça, sorrindo às recordações que lhe acalentavam o imo, se bem que ainda um tanto perturbada por não conseguir atinar como despertara sozinha e longe de casa nessa manhã radiosa. Certamente já estariam à sua procura, mas não fariam alarde, pois ela era conhecida pelos seus passeios misteriosos: eram andanças breves, é verdade, mas o que ninguém suspeitava é que para ela eram pequenas viagens às paragens de seu mundo interior, nas quais ela se deixava levar pelas lembranças e sons plangentes que tocavam em sua mente e emulavam a terra distante de seus ancestrais, tão envolvidos em cantorias melancólicas e histórias de amor e coragem plenas de votos e lágrimas. Ah! Quanta beleza! Quanta fidalguia! Quem poderia entender sua necessidade de lonjuras e horizontes cá nessas terras tão pueris, ainda imaculadas de sofrimentos? O sangue que corria em suas veias era o mesmo daqueles desbravadores d'além mar, cuja poesia incomparável ressoava no mundo e no seu coração:

“A Europa jaz, posta nos cotovelos:

De Oriente a Ocidente jaz, fitando,

E toldam-lhe românticos cabelos

Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;

O direito é em ângulo disposto.

Aquele diz Itália onde é pousado;

Este diz Inglaterra onde, afastado,

A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar esfíngico e fatal,

O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.”¹

Os olhos esfíngicos fitavam o futuro do passado, aquelas terras tão bonitas e faceiras onde ela se transformara em mulher e mãe e em dama das mais proeminentes da sua época. Tinha tudo; ao mesmo tempo, nada calava dentro dela esse chamado distante, saudades de algo que ela não sabia nominar, porém o sentia pulsando com a urgência de séculos. Sorriu ao recordar o doutor da família, o qual decerto diria – não sem antes proceder a meticuloso exame – serem essas sensações tão somente cousas próprias dos espíritos femininos, esses seres

inexplicáveis e fascinantes que andavam em meio aos homens entre o silêncio e o fausto, igualmente propensos à queda ou à glória. Seres que choram e riem sem motivo ou ostentação. Seres que morrem e renascem todos os dias em sacrifícios e êxtases pelos seus sem serem notados. Seres estranhos, enfim – “Até que ele pode ter razão” – pensou, decidindo que já era hora de se pôr a caminho.

Sacudiu os grãos de areia do vestido, em cuja barra pequenas conchas peroladas pareciam se misturar propositadamente às trazidas pela água, à guisa de adorno. Recolheu uma das conchinhas e lançou um último olhar ao mar sobranceiro e buliçoso, sobre o qual o magnífico dia de verão estendia seu manto brilhante e cálido. Apertou os olhos, fazendo um anteparo com as mãos na testa para se proteger do sol, relanceando a vista ao redor para se localizar. Em seguida, resoluta, virou-se e iniciou o trajeto em direção ao local em que sabia estar o cais.

À medida que caminhava, começou a perceber que havia algo insólito: o lugar era-lhe familiar, mas apenas vagamente, pois parecia também diferente de tudo o que retivera na memória. No entanto, via claramente delineados ao fundo os muros do seu jardim, mas onde o ancoradouro? Que é feito dos barcos? E essas construções esquisitas, empilhadas feito paralelepípedos de pedra com retângulos envidraçados, o que são? Não conseguiu se refazer do espanto, pois se deparou com engenhocas coloridas com rodas que passavam velozmente nas veredas antes ocupadas por cavalos e carruagens. “Oh, Deus, estarei demente?” – murmurou de si para si mesma, estupefata.

Alcançou as grades do jardim onde um brasão estranho ao seu encimava o portão entreaberto por onde entrou: “Museu da República” – leu na placa colocada logo depois da entrada. “Museu? Como assim, museu? Não pode ser, esta é minha casa!” – balbuciou, trêmula, a ponto de desmaiar. Só não o fez porque um mancebo uniformizado, parecendo um soldado, amparou-a a tempo: “Madame, a senhora está bem?” Ela assentiu afirmativamente com um gesto. Ele lhe deu uma cadeira para sentar e rapidamente lhe trouxe um copo com água. Notou que o recipiente era feito de um material fino e transparente, que estalava quando apertado entre os dedos. “Será um novo tipo de vidro?” – cogitou, indecisa, enquanto sorvia o líquido de olhos fechados, desejando ardentemente que ao abri-los aquilo que estava acontecendo não passasse de mero fruto da imaginação. Mas qual! O soldado, a placa, o copo – ainda estava tudo lá quando ela terminou de beber, eram reais!

Constatando que as cores haviam voltado ao rosto dela, o jovem gentilmente atribuiu o mal-estar ao calor: “Não se preocupe, senhora, acontece!” Explicou-lhe que o museu e os jardins estavam abertos ao público e que ela poderia seguir tranquilamente seu passeio, refrescando-se à sombra das árvores. Informou-lhe que havia visitas guiadas à casa principal e que mais tarde, se quisesse, poderia desfrutar das serestas ou das sessões de cinema programadas para o dia.

“Visita guiada? À minha casa?” – ela quase se traiu externando seu assombro, mas desta vez ficou firme nos próprios pés, pois queria investigar isso tudo de perto. Afastando-se da entrada, enveredou pelas aleias que conhecia tão bem, um tanto mudadas, passando por uns artefatos de cores berrantes coalhados de crianças que brincavam sob o olhar vigilante do que supunha serem mães e pais – embora metidos em vestes esquisitas. No meio das palmeiras havia um chafariz ornado com a escultura de Vênus que ela não se lembrava de ter encomendado; todavia o achou bonito, admitindo combinar com o lugar. O prédio da cavalaria sumira; não obstante, havia uns pavilhões novos, um deles ocupado com alguma espécie de exposição que não se animou a verificar. Visitou a casa principal só para descobrir que parte tinha sido reformada, principalmente no andar térreo. E encontrou o pijama listrado de um homem exposto em um dos quartos, furado à altura do coração, com uma espécie de arma ao lado, indicando alguém importante que se suicidara ali.

Ainda perplexa, voltou ao jardim quando a tarde vicejava. Viu grupos de pessoas executando algo como uma dança bem lenta, movimentando harmoniosamente, sem música, braços e pernas. Outros apenas passeavam sozinhos ou em pares, ou ainda em agrupamentos pequenos. Casais de várias idades se multiplicavam nos bancos espalhados no parque. O calor amainava, a luz dourada cedeu lugar a tons amarelos e delicados que penetravam o verde das copas e se derramavam em matizes esmaecidos no chão. Sabia não haver explicação para o que lhe acontecia, mas, em seu coração, entendia, sem palavras, que tudo aquilo estava conectado a ela. E assim tranquilizada por tal certeza, aceitou.

Sem se aperceber, seguiu o rumo de uma cantoria para os lados da grande fonte. Pessoas de várias gerações, cãs geralmente já lhes enfeitando a fronte, entoavam canções desconhecidas para ela, em uma cadência dolente e agradável aos ouvidos. Surpreendeu-se ao sentir que as músicas dialogavam com as suas próprias reminiscências, revelando aquele sentimento sem

nome que ela reconheceu de imediato. Cada participante cantava na sua vez e os demais aplaudiam, vozes nem sempre treinadas, mas que não economizavam as emoções que as melodias despertavam em suas almas saudosas – talvez de um amor, um lugar, um tempo. Era como se cada um vivesse em um grande torpor até chegar ali, onde tudo estava oculto, estático, esquecido, esperando, até que uma voz arrebatasse a memória coberta pelos escombros, a memória dos sonhos, dos momentos felizes, do pranto sentido, dos anos preciosos. Aquelas pessoas amaram, aquelas pessoas foram amadas e vinham, todas, vencendo as próprias mazelas cotidianas, ofertando o tesouro de suas vidas sussurrado nas entrelinhas dos sons. Aquilo a fez recordar alguns versos entreouvindo alhures:

*“E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.”²*

Ela também amara e fora amada. A cantiga subia embalada nas vozes em direção a um daqueles paralelepípedos envidraçados do outro lado da rua. “São janelas!” – reconheceu enfim. Olhou para cima e viu, em uma das janelas no meio da construção, assomar alguém – uma senhora do tipo *mignon*, cabelos longos e negros, a juventude ainda insistindo em bafejar seus traços marcantes e olhos brilhantes. Dali, de sua janela, compreendeu que a mulher possuía o jardim, tanto quanto cada um que lá estava. Tanto quanto cada um que lá estivera ou iria estar, ao menos por um momento que fosse, vivendo uma emoção. Tanto quanto ela mesma o possuía e ainda o retinha entre os dedos, gravado em cada linha desenhada nas palmas de suas mãos. Não pôde sopitar o arremate da estrofe que lhe veio à mente:

*“E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.”³*

Então, finalmente entendeu a dádiva, eis o futuro do passado: ela – a dona do jardim – sou eu. E eu somos todos nós.

¹ Cf. PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Primeiro: O Dos Castelos.

² Cf. PESSOA, Fernando. *Eros e Psiquê*.

³ *Idem. Ibidem*.